



O AGRAVAMENTO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA), TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH), PARALISIA CEREBRAL E DISTÚRPIO DO PROCESSAMENTO AUDITIVO A PARTIR DAS AULAS VIRTUAIS

JOANITA DA FROTA ALVES DE OLIVEIRA; ZENAIDE DE FÁTIMA DANTE
CORREIA ROCHA; DÉBORAH FERREIRA MACHADO; FABIANE COPPO; GLÁUCIA
ANGELITA DE CARVALHO WERPACHOWSKI

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi compreender os motivos pelos quais ocorreu o agravamento das dificuldades de aprendizagens de quatro alunos com necessidades especiais ou dificuldades de aprendizagem com a suspensão das aulas presenciais para podermos elaborar as atividades que contribuíssem para a melhoria da aprendizagem, reduzindo as barreiras através das tecnologias assistivas. Como objetivos específicos, compreender quais as perspectivas de futuro desses alunos; analisar por que não fazem as atividades e falam para os pais que estão fazendo, além de falarem que os professores não estão passando conteúdos, que não postam vídeos e que o colégio não iniciou ainda com as aulas ao vivo; e, por último, compreender os motivos pelos quais esses alunos não têm a preocupação ou não percebem a gravidade de estarem com as atividades escolares atrasadas e o que leva um aluno autista entrar em pânico só em ouvir a mãe dizer que tem vídeoaula para assistir, aulas ao vivo, diariamente, e atividades on-line a serem realizadas. Para isso, a inserção do ensino remoto, com novas ferramentas de ensino, mais precisamente, com aulas gravadas e postadas na Plataforma Google Classroom, inicialmente, e, em seguida, com as aulas ao vivo, obtendo três aulas diárias de 6º ao 9º. Para desvendar os problemas, foi necessário realizar uma pesquisa de campo com a abordagem qualitativa, utilizando a técnica da observação e a entrevista oral, com alunos e pais. Obtivemos como resultados, até o momento do fechamento da pesquisa, três alunos realizando as atividades, respondendo as recuperações e postando nas datas certas e um aluno, sem realizar nenhuma atividade, uma vez que apresentava desespero só em pensar que tinha que assistir às aulas.

Palavras-chave: Agravamento. Dificuldades de Aprendizagem. Aulas Virtuais.

1 INTRODUÇÃO

O agravamento das dificuldades de aprendizagem dos alunos com autismo, TDAH, paralisia cerebral e distúrbio do processamento auditivo com as aulas virtuais foi escolhido por ser uma realidade vivenciada diariamente desde dezoito de março de 2020, data do início da suspensão das aulas presenciais. Com a nova adaptação ao processo de ensino, as dificuldades de aprendizagem se complicaram, uma vez que, além do problema que esses alunos têm, muitos pais não possuem formação na área para acompanhar, verificar se estão realizando as atividades, se estão estudando o material solicitado pelos professores.

Os sujeitos da pesquisa são quatro alunos com necessidades especiais diferentes, sendo todos com pais estudados e excelentes profissões. Um dos motivos visíveis para o agravamento é a falta de habilidade com as ferramentas online.

Desde o início da pandemia, esses alunos são os que mais preocupam a equipe

pedagógica, pois com os professores explicando pessoalmente já apresentavam dificuldades, avaliem com as câmeras fechadas e vários alunos tentando tirar dúvidas. Esses alunos são atendidos com provas, tarefas e trabalhos impressos para que os pais consigam acompanhar melhor. O trabalho foi iniciado desde o dia 23 de março com videoaula do positivo, bem como, gravadas pelos próprios professores e postadas na Plataforma Google Classroom.

O objetivo principal foi compreender os motivos pelos quais ocorreu o agravamento das dificuldades de aprendizagens de quatro alunos com necessidades especiais ou dificuldades de aprendizagem com a suspensão das aulas presenciais e a inserção do ensino remoto, com novas ferramentas de ensino, mais precisamente, com aulas gravadas e postadas na plataforma Google Classroom,

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para investigar e tecer o texto em busca das respostas ao problema angustiante, iniciado em março de 2020, utilizamos a pesquisa de campo, com abordagem qualitativa e a técnica da observação das atitudes desses alunos nas pouquíssimas aulas as quais assistiram, além de entrevista oral e análise documental, especificamente, o diário de campo.

2.1 Caminhos Percorridos a partir de um Olhar Psicopedagógico

Este capítulo versará acerca da organização das técnicas para investigação para encontrar os achados da pesquisa. Corroborando com as ideias de Minayo, 2008, p. 14, onde diz que “a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento, as técnicas e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade”. Nesse sentido, essa experiência contribuiu para a inserção de uma das pesquisadoras no locus da pesquisa e a investigação a respeito das dificuldades de aprendizagem desses alunos foi iniciada em maio de dois e dezenove quando, ao observar esses alunos em sala de aula e perceber que, além dos problemas visíveis e que todos os professores relatavam, tinha mais coisa às escondidas que havia necessidade de conhecer para que pudesse orientar melhor os pais, posto que, como Coordenadora Pedagógica da Instituição e estudante do curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional, precisava orientá-los.

Assim, além de assistir às aulas em todas as turmas, mantinha contato com eles, relatando o que havia presenciado após várias observações, realizando relatórios de encaminhamento, uma vez que é função do psicopedagogo fazê-lo. Logo,

O psicopedagogo é como um detetive que busca pistas, procurando solucioná-las, pois algumas podem ser falsas, outras irrelevantes, mas a sua meta é fundamentalmente é investigar todo o processo de aprendizagem, levando em consideração a totalidade dos fatores nele envolvidos, para valendo-se desta investigação, entender a constituição da dificuldade de aprendizagem (RUBINSTEIN, 1987, *apud* MORAIS, 2010, P. 6).

2.2 Abordagem da Pesquisa e Procedimentos de Coletas dos Dados

Sabe-se que a função da investigação científica é pesquisar, fazendo uso de diversas técnicas e, em diferentes momentos, a fim de que se encontrem os resultados esperados. Para isso, fizeram uso de instrumentos, de acordo com o que se almeja desvendar.

A abordagem qualitativa requer que o sujeito tenha contato direto com o sujeito e a situação investigada, primando para que conheça, de maneira profunda, analise com um olhar crítico e interprete os dados colhidos no percurso da pesquisa.

Além dessas questões, essa abordagem permite que o sujeito tenha uma relação

próxima com os fenômenos estudados. Logo,

[...] as investigações qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos. Além disso, as pesquisas qualitativas diferem bastante quanto ao grau de estruturação prévia, [...] (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998, P. 147).

Nesse sentido, perceber que, para alcançar os objetivos traçados, fizeram uso, por exemplo, de observações semanalmente, através das aulas ao vivo. Assim, as pesquisadoras, entravam nas salas virtuais, e, em várias aulas, no decorrer da semana, as observações eram realizadas com a intuição de descobrir o que realmente estava acontecendo, pois segundorelatos dos professores que os conheciam há três anos, sempre foram inquietos, além de apresentarem muitas dificuldades de aprendizagem em diversos componentes curriculares.

Embora ainda no início do curso umas das pesquisadoras já tivesse uma compreensão acerca de como a Psicopedagogia ajudaria no processo de desenvolvimento dos alunos com problemas de aprendizagem, e já compreendesse e identificasse esses problemas, não poderia dizer aos pais o que havia descoberto a respeito dos dois alunos repetentes, sem laudos na época. A única coisa que caberia a ela fazer, era o encaminhamento pedagógico, já que a função dela ali era de coordenadora pedagógica.

Vale ressaltar ainda, que todas as orientações dadas aos alunos semanalmente, não eram suficientes, além de três desses alunos serem muito hiperativos, e diariamente, a coordenação era chamada às salas de aula para contê-los, visto que caminhavam tanto na sala, conversavam o tempo inteiro, e, raramente realizavam as atividades de sala e os trabalhos que eram agendados com muita antecedência.

Eram alunos que não conseguiam acompanhar os estudos, pois faltavam-lhes conhecimentos acerca dos conteúdos anteriores, inclusive arrancavam as folhas das agendas com os comunicados e cronogramas de avaliações que eram colados para que os pais os acompanhassem e soubessem quando e como estavam sendo avaliados.

Vale salientar ainda, que um bom psicopedagogo deve analisar os alunos em diversas situações de aprendizagem, observando com um olhar investigativo, com intuito de saber encaminhar a outros profissionais, caso haja necessidade, como neurologista, fonoaudiólogo, psicólogo, psiquiatra, entre outros, pois é função do trabalho psicopedagógico ajudar os alunos a superarem os problemas que os dificultam aprender.

2.3 Uma Breve Contextualização do Cenário e Sujeitos da Pesquisa na Aula Presencial para Compreendemos as Dificuldades com as Aulas Virtuais

A pesquisa foi realizada em um colégio particular de Londrina, fundado há 12 anos apenas com a educação Infantil e hoje atende de Educação Infantil aos Anos Finais. Está localizado em um bairro de classe média e atende filhos de professores, enfermeiros, médicos, advogados, nutricionistas, bancários, médicos, empresários, entre outros.

Segundo dados do último IBGE, a população do município era de 569.733 habitantes. É uma cidade com muitas escolas particulares, muitas universidades e Faculdades renomadas e muitas possibilidades de crescimento profissional. A Universidade Estadual de Londrina - UEL, por exemplo, é uma das universidades do país que atrai estudantes de vários lugares do Brasil, por oferecer cursos de qualidade e ser reconhecida no exterior como uma excelente para se profissionalizar.

É nesse contexto que se localiza o Colégio Magia do Saber⁶ locus da pesquisa. Esse foi escolhido por ser o local de trabalho de uma das pesquisadoras desde janeiro de dois mil e dezessete, ano em que passou maior parte do tempo com os alunos em sala de aula, observando como reagiam diante de cada aula e quais os componentes curriculares em que apresentavam maiores dificuldades.

Os sujeitos da pesquisa são quatros alunos, todos com dificuldades de aprendizagem, com laudos médicos, sendo um do sexto ano; dois do sétimo ano, ambos repetentes e, por último, um do oitavo ano, sempre aprovado pelo Conselho de Classe, em vários componentes Curriculares.

Por serem alunos os quais uma das pesquisadoras já estava observando para a escrita do artigo de conclusão de Curso em Psicopedagogia, pelas dificuldades notadas, uma delas iniciou o ano de 2020 acompanhando e conversando com eles semanalmente, além de, a cada semana dar um retorno aos pais, falando acerca de como estavam, se estavam se adaptando à medicação, uma vez que após a reprovação, os pais os levaram para um acompanhamento com neurologista e psicopedagogo.

2.4 As Maiores Dificuldades desses Alunos em Acompanhar as Atividades on-line e ao Vivo desde o Início da Pandemia e os Motivos que os Levam a Isso

Passadas duas semanas após a suspensão das aulas foram notificados alunos que nunca havia acessado a plataforma Classroom; outros, que embora estivessem acessando, não estavam realizando as atividades, e a partir daí, iniciou-se uma busca incessante, por falar com pais, que nem sempre atendiam naquele horário, em virtude do trabalho. Precisávamos compreender por que não as realizavam; se era por não entender, por problemas técnicos, ou por outros motivos.

A psicopedagogia nos assegura com fundamentos teóricos que é necessário oferecer uma ponte entre a criança e o conhecimento para que ela consiga se desenvolver, além de se adequar à realidade e oferecer diversas possibilidades de aprendizagem.

Sabendo que, para aprender é preciso que se tenha o desejo, o prazer por aprender, além de um ambiente que possibilite essas aprendizagens, uma angústia pairou sobre nós quando nos deparamos com algumas situações de alunos que não realizavam as atividades.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os alunos que eram medicados para ir às aulas presenciais, deixaram de ser, assim que aulas foram suspensas, mesmo que tenham sido orientados pela Coordenação Pedagógica que era indispensável o uso da medicação, para que houvesse melhor rendimento. Muitos pais acham que, apenas na sala de aula com o contato físico, eles se dispersam e não compreendem o que foi explicado.

É importante ressaltar que a limitação de um dos alunos já estava se agravando, mesmo antes no início da suspensão das aulas. É portador do autismo, com déficit de atenção e tiques e não possui muito apoio em casa, por falta de compreensão dos pais, como lidar com problema. Por mais que tentem, não conseguem.

Ainda com as aulas presenciais, o aluno já apresentava fuga. Não queria sentar na primeira carteira e quando os professores começavam com as explicações, ele pedia para ir ao banheiro, quando na verdade, ia à coordenação e pedia para ligar para o pai, dizendo que estava com dor de cabeça ou dor de barriga. Eram relatos diários.

Esse no pós-pandemia apresentou três atestados de 30 dias de afastamento por não conseguir readaptar em sala. Por ter perdido muitos conteúdos, não conseguem acompanhar o nível da turma, ficando muito aquém do esperado.

Logo que as aulas começaram remotas, os professores disseram que esse aluno não estava realizando nenhuma atividade. Ao entrar em contato com a mãe, ela nos informou que o filho estava com muita ansiedade e não conseguia assistir às aulas. Relatou que começava chorar cada vez que ela falava que ia ligar o computador para fazer as atividades.

⁶ Nome fictício para proteger a identidade dos sujeitos e da instituição.

Sabendo das dificuldades da criança, mediante as observações que havia feito em dois mil e dezenove, quando esse era aluno do quinto ano, foi apresentada à mãe uma sugestão para ver se daria certo: entregar todas atividades impressas, semanalmente, e na semana seguinte, ela levaria ao colégio para postagem, visto que o filho estava com pavor de ficar na frente do computador realizando-as. Como a mãe não ligou, nem devolveu, uma das pesquisadoras ligou novamente para saber o que estava acontecendo. A mãe relatou que não havia feito nenhuma atividade, que o filho estava nervoso, ansioso, sem dormir e chorava, desesperadamente, assim que ela mencionava a palavra computador.

De acordo com o material de estudos da disciplina Avaliação Psicopedagógica, o foco da atenção do psicopedagogo é a reação da criança diante das tarefas, com bloqueios, lapsos, repetição, sentimentos de angústias, entre outros.

A mãe foi orientada a levar ao psicólogo, uma vez que as dificuldades apresentadas já não eram mais de dificuldades de aprendizagens, todavia de sessões psicológicas, pois da forma como é relatado pela mãe, a criança está em pânico e não consegue nem dormir, além de ficar angustiada e perguntando se vai passar de ano, ou se vai ser reprovada.

Além do aluno com autismo, um dos repetentes, com TDAH e Depac também enfrentou dificuldades. O TDAH é um distúrbio biopsicossocial que atinge de 3% a 5% das crianças em idade escolar, segundo mostram pesquisas na área. Realizando estudos para compreender o que causam situações assim, Fernández, 1991, p. 86, nos deu as seguintes explicações: “o sintoma-problema de aprendizagem é a inteligência detida, construindo de forma constante seu aprisionamento.”

Sabemos que os problemas tanto internos, quanto externos afetam o desenvolvimento cognitivo da criança, segundo os estudos da psicologia, como também da psicopedagogia. Nesse sentido, o psicopedagogo precisa ser muito atento e ter um olhar específico para cada situação, conforme assegura o autor, acerca do assunto.

[...] podemos considerar o problema de aprendizagem como sintoma de aprendizagem como sintoma, no sentido de que o não-aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos, nos quais se destaca como sinal de descompensação (PAIN, 1989, *apud* ESCOTT, 2004, p.28).

É importante destacar que, é função do psicopedagogo acompanhar e pensar em estratégias para ajudar o aluno com dificuldade de aprendizagem a se desenvolver. Além disso, é imprescindível também que ele sente com a equipe de professores e discuta todos os problemas e os oriente com sugestões de como direcionar os trabalhos em cada componente curricular.

Diante de todas observações feitas, nota-se que a inquietação, o não acordar às 7h45, para assistir às aulas que iniciam diariamente às 8h, é uma fuga, porquanto muitos alunos da turma pensam muito rápido e participam bastante das aulas. Esse aluno necessita, urgente, de acompanhamento, não só psicopedagógico, mas também de psicológico, sendo encaminhado pela terceira vez, este ano.

Corroborando com essa ideia, veja o que diz o autor abaixo:

Cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo de aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo orientações metodológicas, de acordo com as características e particularidades, dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação (BOSSA, 2000, *apud* UHLMANN 2018, p. 230).

Além disso,

Todo diagnóstico é, em si, uma investigação, é uma pesquisa do que não vai bem

com o sujeito em relação a uma conduta esperada. Será, portanto, o esclarecimento de uma queixa, do próprio sujeito, da família e na maioria das vezes, da escola. No caso, trata-se do não-aprender, do aprender com dificuldade ou lentamente, do não-revelar o que aprendeu, do fugir de situações de possível aprendizagem (WEISS 2004, p.27).

Após diálogos e encaminhamentos, a mãe se convenceu de que era necessário levá-lo, e com 15 dias o filho retornou melhor, com orientações de como conduzir as atividades com ele e conseguia se concentrar nas aulas.

4 CONCLUSÃO

A questão estudada neste trabalho mostrou que ainda há muito a ser descoberto, principalmente, por ter apenas três meses em que surgiu no Ensino Fundamental. A pesquisa evidenciou que ninguém estava, nem está preparado para lidar com o problema, pois ensino virtual, é algo muito abstrato para alunos de 11 a 13 anos que são as idades dos alunos pesquisados e que tiveram as dificuldades de aprendizagem agravadas, assim que as aulas presenciais cederam lugar às remotas. Foram muitas as inquietações no decorrer da pesquisa, a começar pelo tema central deste artigo “O agravamento das dificuldades de aprendizagem dos alunos com TEA, TDAH, paralisia cerebral e distúrbio do processamento auditivo com aulas virtuais”.

Referente ao aluno autista, entrar em pânico só de ouvir a mãe dizer que tinha atividades para fazer, a pesquisa sinalizou que, não fazia nenhum acompanhamento terapêutico, nem psicopedagógico, embora tenha problemas de aprendizagem que estejam se agravando cada vez mais. A mãe não via importância em colocar para fazer esses acompanhamentos.

Diante disso, por ser um problema novo na educação, a primeira vez pesquisado, pelas responsáveis pela pesquisa, uma vez que todas são professoras, ainda há muito a se fazer para descobrir as verdadeiras causas dos problemas de aprendizagem que se agravaram com o ensino remoto. Assim, faz-se necessário que pesquisas futuras, por profissionais de colégios particulares, sejam eles, professores ou gestores, em parceria com outros especialistas que atendam essas especificidades citadas na pesquisa, desenvolvam estudos para ajudar em orientações pedagógicas posteriores.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

ESCOTT, Clarice Monteiro. **Interfaces entre a psicopedagogia clínica e institucional: um olhar e uma escuta na ação preventiva das dificuldades de aprendizagem**. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: Abordagem psicopedagógica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ULLMANN, M.M.B; CIPOLA E. S. M; JUNIOR A. P. de O. **A função diagnóstica da avaliação psicopedagógica**. Revista Científica UNAR, v. 16, n 1, SP. 2018.

MINAYO, M. C. De S. **O desafio da pesquisa social**. 27. Ed. Petrópolis: vozes, 2008.

WEISS, Maria Lucia Lemme. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas**

de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

RUBINSTEIN, E. A. A psicopedagogia e a Associação Estadual de Psicopedagogia São Paulo. In SCOZ, Beatriz Judith Lima (et al). **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.